

DIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIV
N.º 683

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
LO SECULO

ARCADO

MALDADES DE UM RAPAZ BOM

Por VIRGINIA LOPES de MENDONÇA

O Tónio, o neto da velha Engrácia, era um verdadeiro demónio.

Fazia andar a cabeça à roda à pobre avó que lhe perdoava muita coisa, por saber que ele tinha um coraçãozinho bem formado.

Mas não deixava de passar maus bocados, por causa daquele mafarrico. Ainda nessa manhã, logo ao acordar, o vizinho Tomé lhe batera à porta e, num vozeirão muito zangado, clamara:

— «Ó vizinha, veja lá se castiga esse atrevido do seu neto. Tanto gósto fazia nas minhas maçãs e hoje dei com elas tódas no chão. Bem me parecia a mim que ontem o tinha visto a jogar pedras à macieira!»

Daí a um instante, a Micas padeira que passava na rua, gritou-lhe, de longe, indignada:

— «Ó tia Engrácia, aquele malvado do seu neto ferrou ontem tamanhe sova no meu Chico, que o aleijou! Diga-lhe lá que, se o apanho, esborracho-o.»

Ela a desaparecer, logo surdiu, esbaforida, a comadre Luzia que, mal a viu, berrou, ameaçadora:

— «Venho por causa do maroto do Tónio. Do que havia de se lembrar, o desalmado?! Como sabe os cantos à casa, quando vocemecê lá o mandou pelo unto, atreveu-se a ir à tijela da marmelada e, vai, comeu-a tóda! O que ele merecia, sei eu!»

Com os ouvidos cheios de tantas acusações, a velha Engrácia encheu-se de ânimo e sacudiu o Tónio, que dormia como um bemaventurado. Desfechou-lhe, á queima-roupa, não fôsse o rapaz deitar-lhe os braços ao pescoço, e, com a sua meiguice costumada, encher-lhe a cara de beijos:



— «Fóra daí, mandrião! Há que tempos é dia claro e o morgado na cama!» — e atirou-lhe com as calças e o colete.

Tonto de sono, o Tónio não sabia que pensar dos modos desabridos da avó.

Ocupada na lida da casa, ela voltara-lhe as costas.

O Tónio ia-se vestindo, cabisbaixo.

Nisto, a velhota desatou a arengar: — «Tu és os meus pecados, rapaz! Para que deitaste abaixo as maçãs da macieira do Tomé?»

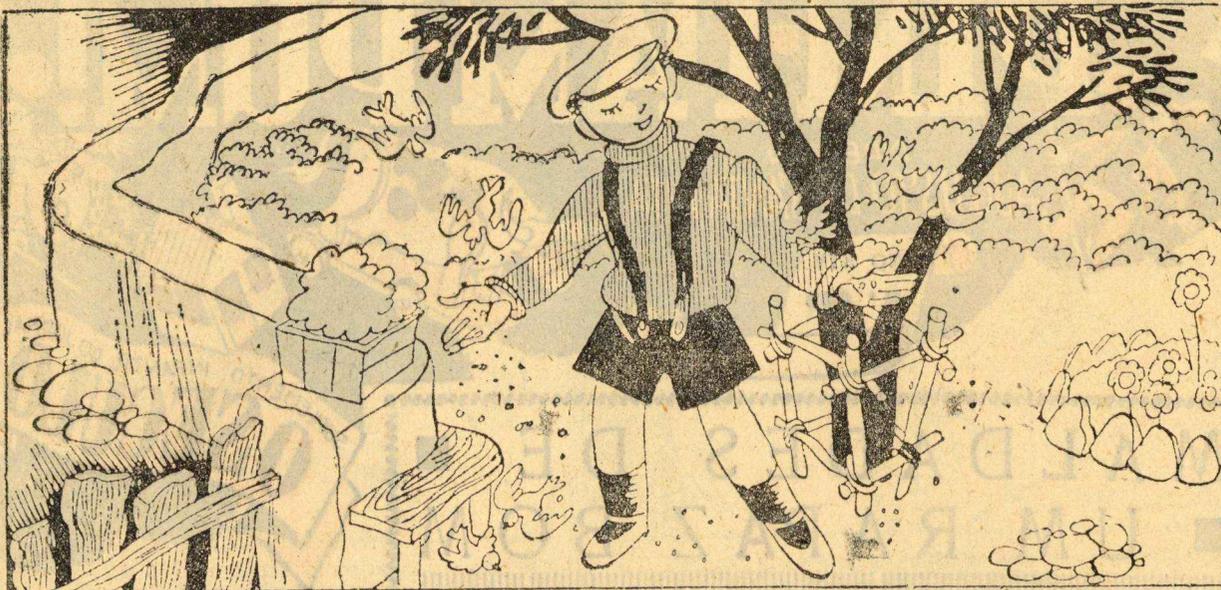
Numa voz ainda sonolenta, ele respondeu:

— «Ora, porquê, avó? Para arreliar aquele jarreta que não tem alma de dar aos pobres um reles fruto do seu pomar.»

A esta razão, a Engrácia calou-se. O que o Tónio dizia era verdade.

Na aldeia, todos conheciam bem a sovínice do vizinho Tomé.

Lá no seu intimo, a velhota até achou



graça à partida que o pequeno pregára ao avarento.

— «E para que deste uma tosa no Chico da Micas?» — indagou, outra vez, carrancuda.

— «Ah, isso foi ele que teve a culpa. — respondeu o pequeno, muito pronto. — Então, ele não me disse que eu tinha roubado na venda do Manel uma data de castanhas?! — Quando preciso de castanhas, vou buscá-las ao castanheiro do padrinho. Ele dá-me licença... Não é verdade, avó? Vai daí, o alma danada teimava na sua; vai eu cheguei-lhe e a valer! Para a outra vez escusa de inventar mentiras!»

A velha Engrácia concordou que o neto andara bem.

O Chico estava-se a fazer um tal mariola!

A própria mãe o dizia... mas, agora, em lugar de o castigar, ainda viera queixar-se!

— «Mas, anda cá, porque foste tu à marmelada da comadre Luzia?» — voltou ela, tornando a fazer uma carantonha muito arrenegada.

Destas vezes o Tónio ficou deveras atrapalhado.

Mas logo, ingenuamente, confessou, humilde:

— «O avó, há mais de que tempos eu andava atrás da comadrinha para que ela me desse um bocadinho... só um bocadinho da marmelada... Ela fazia que não ouvia...»

Já muito babada para o ladino do neto, a Engrácia não ponde deixar de rir, ao ouvi-lo e perguntou:

— «Se tu querias só um bocadinho, porque lha comeste toda?»

— «Ah, isso foi sem querer! Era tão boa!...

Quando julguei que estava no princípio, já tinha chegado ao fim!»

Ficou um instante pensativo; depois inquiriu, admirado:

— «Como é que a avó soube tudo isso?...»

A velhota caiu em si.

Precisava castigar o neto, por muito que lhe custasse.

E, ríspida, sem o olhar para não perder a coragem, disse muito depressa:

— «Vieram todos aqui muito zangados. E hoje vais ficar todo o dia fechado em casa.»

— «O avó, não faça isso!» — lamuriou o pequeno, todo choroso.

Mas ela continuava: — «Só volto tarde. É o dia de ir coser a roupa da senhora professora. Ela vai ficar contente contigo! E' capaz de não te dar mais lições de leitura... Fica-te aí uma brôa e queijo. À noite trago-te a ceia.»

Sem mais querer ouvir os rogos do neto, saiu, fechando a porta à chave.

O Tónio ficou num desgosto profundo.

O que mais o maguava era ter ralado a avó e aquela ideia de não aprender a ler.

Agora, que ele ia tão bem!... Até a professora dissera que, daí a dois meses, já podia ler os lindos contos de fadas que o padrinho lhe prometera.

Entre soluços, comeu um pedaço de brôa, mas nem vontade tinha; ele que era tão lambão!

Depois, estendeu-se outra vez, sobre a cama e adormeceu sempre chorando. O dia estivera de chuva.

Quando tornou a abrir os olhos, já a tarde vinha caindo e em cima do telhado ouvia-se uma restolhada estranha.

— «São os pardais, coitadinhos! Têm frio e talvez fome!»

Olhou para o resto da brôa que deixara sobre a mesa e o que fez?

Pegou nela, e veio para o quintalório que ficava do lado detrás da casa.

— «Chiu! Chiu! Chiu!...» — fez ele a chamar os pardalicos que já o conheciam por o ver ali a brincar.

Esfarelou a brôa no chão e logo, numa chilreada alegre, a pardalada voou para baixo.

A roda do pequeno, depenicavam as migalhas que ele ali espalhara.

Foi assim que a avó e a senhora professora, que a quizera acompanhar para ver como o Tónio se tinha portado, o encontraram.

O pequeno mais desanuaveado do seu desgosto, ria para as avezinhas, dizendo:

— «Vocês é que não fazem queixas de mim á avó! Pudera, se eu lhes dou bela pitança!»

Ao ver entrar a avó e a professora, o Tónio ficou, outra vez, muito embatucado, à espera do sermão que iria apanhar.

Mas a professora, comovida com a cena a que assistia, disse-lhe:

— «Olha, Tónio, sei que a tua avó teve sérias razões para hoje te castigar. Mas tu, no fundo, tens tão bom coração!... Por isso, decidi continuar a dar-te lições.

Nos livros aprenderás o que te é necessário para te tornares ainda melhor rapaz.

Agora, como já deste a ceia aos pardais, vem tu comer a tua... acudiu a avó, olhando, ternamente, para o neto.

Aquí a senhora professora quiz que eu te trouxesse estes pastelinhos tão bons e mais este bocado de marmelada. O Tónio não queria crer em tanta felicidade.

Sentado á mesa, entre a avó e a professora, só dizia, muito contente, enquanto saboreava a marmelada:

— «Esta ainda é muito melhor que a da Comadre Luzia!»



O HOMEM DE CONFIANÇA POR MARIA ARCHER

O Pinguinhas, o dono do cinema, arreperelava-se todo.

Mais uma vez fôra roubado! Os gatunos tinham-lhe levado os rôlos das películas e as lâmpadas eléctricas. Por fim deixaram o cavalete e roubaram a máquina das projecções! Pinguinhas resolve chamar a polícia.

O polícia prendeu todos os empregados do cinema, tôdas as arrumadoras, todos os rapazes dos chocolates e dos esquimós, todos os engraixadores das vizinhanças, e tinha mesmo vontade de prender mais gente. As prisões trasbordavam...



Por fim, como não se descobriu o gatuno, começaram a prender os espectadores. E lá iam para os calabouços os meninos e as meninas, as senhoras e os senhores. Pinguinhas espriitava às grades da cadeia e continuava a arreperelar os cabelos, sem descobrir o roubo ou o ladrão.



A polícia, ao cabo dum ano de esforços, não descobriu coisa alguma. E como os roubos continuavam, e os ladrões levavam do cinema até as cadeiras e os tapetes, Pinguinhas resolveu fazer polícia por conta própria.

Não, que êle dava em doido quando, ao abrir das portas, via o seu lindo cinema roubado!

A.

Pôs um anúncio no «Século», pedindo um homem capaz de guardar o cinema durante a noite. Apresentou-se um sujeito com figura de *boxeur* e abonado por numerosas cartas de recomendação. Pinguinhas aceitou-o e deu-lhe uma pistola para se defender dos gatunos.

5



Acabada a sessão, fecharam-se as portas e o guarda lá ficou com a pistola na mão a vigiar tudo. Pinguinhas, antes de sair, já na porta da rua, fazia-lhe recomendações.

6

No dia seguinte Pinguinhas foi saber dos acontecimentos e com a esperança de encontrar no chão, amarrada, a numerosa quadrilha dos malfeteiros. Mas qual não foi o seu espanto ao verificar que o guarda desaparecera,



levando tudo o que se podia transportar, às costas! Não havia máquina de projecções, nem lâmpadas, nem dinheiro no cofre arrombado!

Mais uma vez fôra roubado!

Pinguinhas pediu dinheiro emprestado, arranjou outra máquina e substituiu as coisas roubadas. Nessa noite



resolveu ele ficar de guarda ao cinema.

No arsenal emprestaram-lhe metralhadoras, que ele ligou por fios eléctricos, deixando-as apontadas às portas.

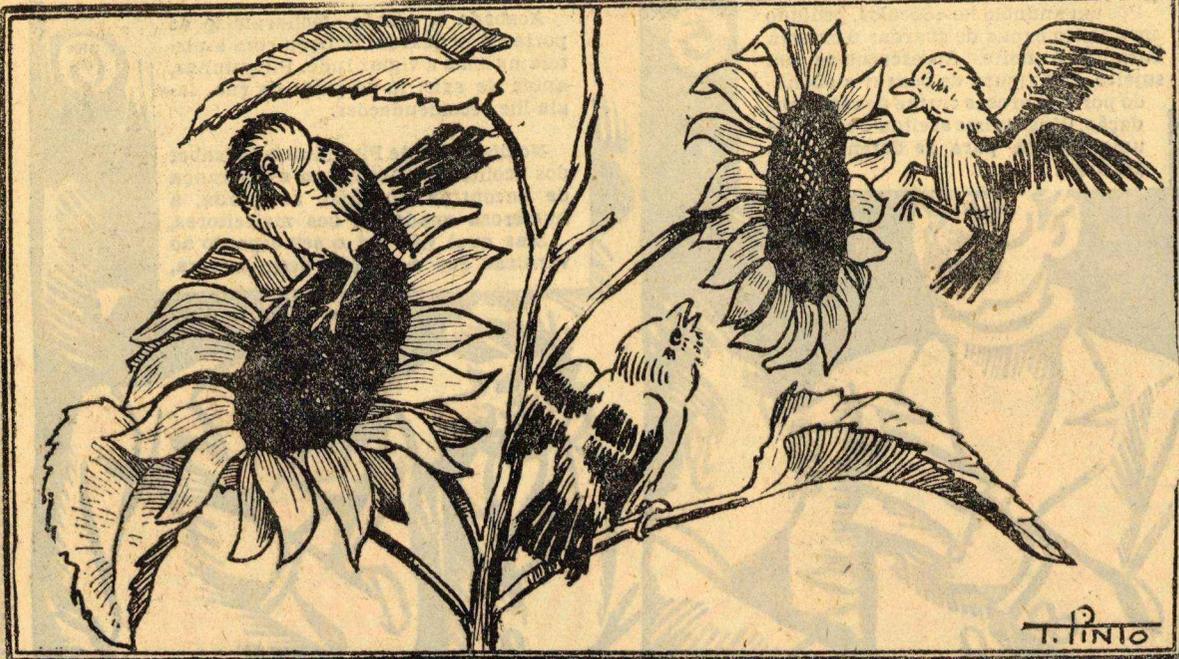
Escondido num ponto estratégico, ele, só com dar volta a um botão, despejava as metralhadoras. Mas nenhum ladrão apareceu. Contudo...

9

Ao chegar a casa, na manhã seguinte, a mulher perguntou-lhe: — «Então a que festa fôste?» Pinguinhas ficou assarapantado. E veio a saber que os gatunos tinham ido a casa d'ele, com uma carta falsificada, e apanhando o seu belo *smöking*, os seus lustrosos sapatos de polimento, a sua rica camisa de sêda! De maneira que Pinguinhas desesperado, todo se arrepeia.



FIM



SOLUÇÃO DAS ADIVINHAS E ENIGMAS ANTERIORES:

Os três mascarados eram o «Pim», a «Pam» e o «Pum».
Os enigmas da página 3 significavam caracol e vazilha.
O enigma da página 6: guardachuva.

A N E D O T A S

Um saloio entra numa livraria e perguntou ao caixeiro:
— «E' aqui que se vendem livros?»
— «E' sim. Que obra deseja?»
— «Um livro de mortalhas para cigarros.»

Anastácio comprou um cavalo e passa o tempo a mostrá-lo aos amigos. Pergunta um deles:
— «Não é medroso este animal?»
— «Isso sim! Há uma semana que fica sozinho na cavalaria!»

TRAGÉDIA NUM PRESÉPIO

Por ISOLDINA

VOU contar-vos, meus meninos, uma história verdadeira. Foi pelo Natal. Sobre a grande mesa de carvalho escuro, entre musgos e tufos de verdura, sábiamente dispostos, descansava o Menino-Jesus sobre as tradicionais palhinhas, rodeado da Santa Família, mais a vaca e a burrinha. Em volta, em filas, os

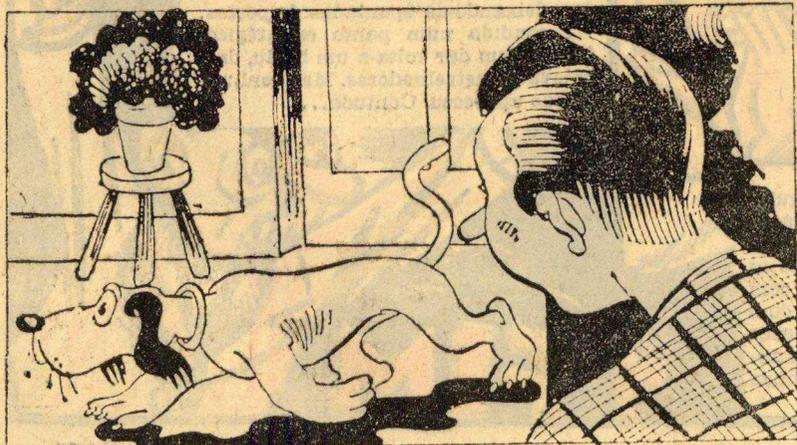
camponeses, com suas oferendas, encaminham-se para o Deus-Menino. Mais adiante, uma vistosa filarmónica cujos componentes, de bochechas inchadas, sopravam nos seus instrumentos. Mais além, ao cimo, descendo a ladeira, os três reis magos, Gaspar, Belchior e Baltazar, imponentes nas suas montadas, ostentavam salpicos de pur-



purina em seus capacetes e nos arreios dos cavalos.

No dia em que a Dona Joana armara, com mãos pacientes e carinhosas, o Presépio para seus filhos, fôra para estes uma alegria louca. No dia seguinte, logo de manhãzinha, o Josésito (que até sonhara com êle) fôra contemplar

(Continua na página 8)



ADIVINHA - PROBLEMA A DIVINHA



S O L U
Ç A O

D O
N Ú M E
R O

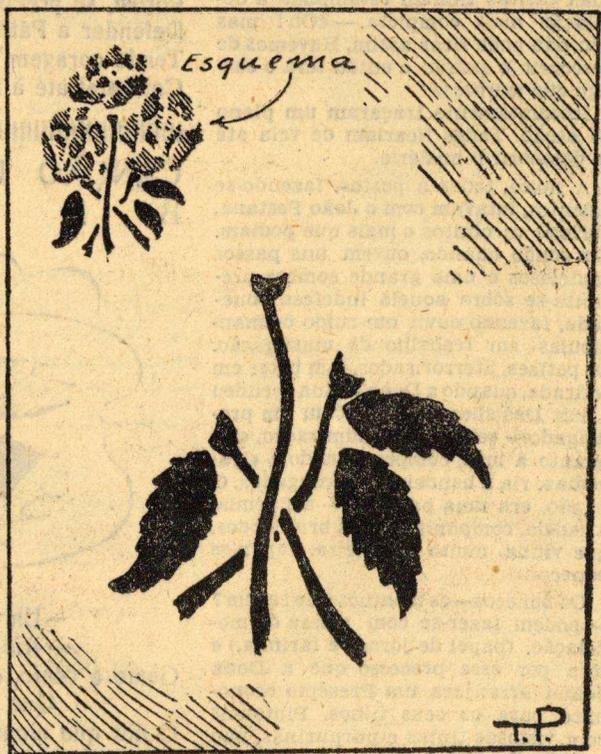
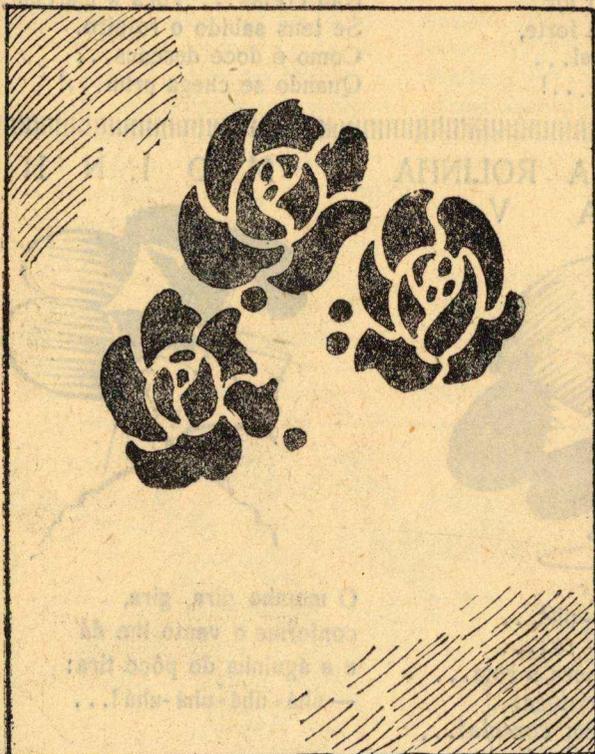
A N T E
R I O R



Vejam os nossos amiguinhos se descobrem como se chama este cachorrinho?

Era este pobre maltez o motivo da escamação do «Sultão.» Francamente, por isto, não valia a pena ficar tão zangado, não lhes parece?

ESTAMPILHAS



Sabem os meus amiguinhos a que se chama estampilha?

Vão, por certo, responder-me que são uns rectângulozinhos de papel, também chamados selos.

Mas não. Estas estampilhas de que falo, são muito usadas na indústria da cerâmica; são diferentes.

Vou ensinar como se fazem.

Vós tendes um desenho, por exemplo o do esquema, e quereis reproduzi-lo.

Com a ponta dum canivete, bem afiado, abrem-se tôdas as partes a reproduzir; neste caso os sitios pretos, e cada côr em seu papel, é claro.

Em seguida, com um pouco de estearina, enceram-se os papeis, ficando assim as estampilhas prontas.

Para as aplicar, colocam-se sobre o papel ou objecto cujo desenho se deseja reproduzir e, com um pincel humedecido na tinta, (mas quási séco) passa-se sobre a estampilha, sendo o desenho de várias côres, — (o de cima por exemplo)—aplica-se, em primeiro lugar as rosas a vermelho e, depois as fôlhas a verde. Está percebido?

TRAGÉDIA NUM PRESÉPIO

(Continuado da página 6)

o lindo Presépio, mas, notando a falta de dois bonecos, ficou espantado.

Quem os teria tirado? Todos protestaram à uma: — «Eu não fui, eu não fui!» No dia seguinte faltavam mais, e, assim sucessivamente, todos os dias iam desaparecendo as figurinhas do Presépio.

O que os meninos não sabiam é que, lá, entre os pobres bonecos, reinava o terror. Viam desaparecer os seus companheiros, levados por um grande papão, do qual não se podiam defender, e esperavam, a todos o momento, a sua vez, tremendo como varas verdes. Por fim veio a Bêbé dar com os músicos e os camponeses todos caídos em grande confusão. — «Mas o que seria aquilo?» perguntavam uns aos outros. A mãezinha também andava intrigada. A Sali, apertando as mãos nervosamente, exclamou: — «Coitadinhos, foi com medo que se aconchegaram uns aos outros!...» Depois, foram os reis encontrados caídos por terra e faltava um, o que era mais grave: — «O Belchior, mãezinha! Hoje roubaram o Belchior! exclamava o Josérito. E nas suas caritas tinham estampada a desolação mais completa. — «Oh! mas isto não pode ficar assim. Havemos de descobrir o ladrão e então terá o castigo que merece!»

Imediatamente traçaram um plano de acção. Todos ficariam de vela até se descobrir o mistério.

A noite, todos a postos, fazendo-se valentes, lutavam com o João Pestana, abrindo os olhitos o mais que podiam. Eis senão quando, ouvem uns passos cautelosos e uma grande sombra precipita-se sobre aquela indefesa bonecada, fazendo ouvir um ruído de mandíbulas em trabalho de mastigação. Os petizes, aterrorizados, iam bater em retirada, quando a Dona Joana acendeu a luz. Das suas boquitas caiu um prolongado — «oh!!!» de admiração, enquanto a mãe, compreendendo a «tragédia», ria a bandeiras despregadas. O papão, era uma papona: — a Eoémia, a cadela, companheira dos brinquedos, que vinha, muito sorradeira, papar os bonecos.

Os bonecos — os meninos não sabem? — podem fazer-se com massa de modelação, (papel de jornal e farinha,) e fóra por esse processo que a Dona Joana arranjara um Presépio económico para os seus filhos. Pintou-os com vistosas tintas e purpurinas, não calculando que a marota da Eoémia lhes chamasse... um figo. Mas, no fim, teve o seu castigo: — esteve três dias recolhida na sua casota, com dores de barriga, por efeito das tintas do papel de jornal, que lhe ocasionou uma indigestão.

O mesmo teria acontecido a muitos meninos glutões que sobrecarregassem o estômago com petiscos demasiado pesados...

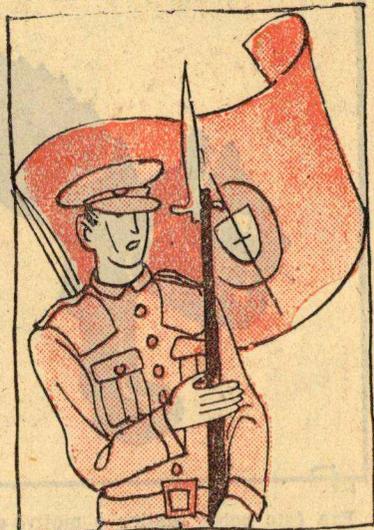
OS NOSSOS CONCURSOS

ENCONTRAI RIMAS E FIXAI CONGEITOS



Se virdes alguém que berra
E atíça os ódios humanos,
Podendo, evitai da gu...
Horrendos, terríveis d...!

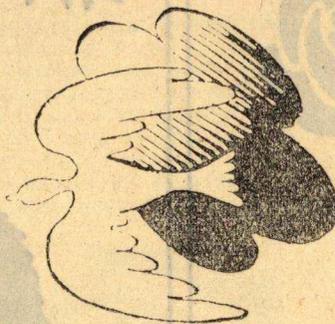
Porém, se preciso fôr
Defender a Pátria forte,
Tende coragem, val...
Combatei até à m...!



Foi, quicá, ocioso monge,
Quem disse a primeira vez:
«De vagar se vai ao l...»
Não te apresses portug...!

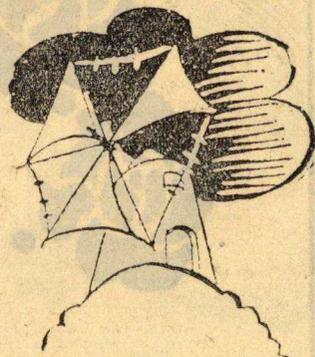
Não creias... Toca a marchar,
Se tens sabido o roteiro.
Como é doce descans...
Quando se chega prim...!

CANÇÃO DA ROLINHA O MOINHO B R A V A



— Uh — uh!...
— Rú — rú!...
Geme o vento, chora a rôla...
Que tristeza!
O dor que ninguém consola!...
O mágo da Natureza!...

Sem alarido, sem bulha,
no pinhal a rôla arrulha:
— Rú — rú!...
E ao triste gemer do vento,
dos pinheiros cada agulha
só responde ao seu lamento:
— Uh — uh!... Uh — uh!...



O moinho gira, gira,
conforme o vento lhe dá
e a águinha do pôço tira:
— uhá - uhá - uhá - uhá!...

O moinho gira, gira,
ao sabôr do catavento!
Vira e gira, gira e vira...
Dança nos braços do vento!

AUGUSTO DE SANTA-RITA